



Tarnation (Jonathan Caouette, 2003)

Expressão e identidade: Juventude enquadrada

Renato Cabral¹

Discente do curso de Cinema e Animação da UFPel

I'm a frightened, fickle person

Fighting, cryin', kickin', cursin'

What should I do?

Better Version of Me, **Fiona Apple**²

Bill Nichols (2005) levanta a teoria de que conforme uma câmera é ligada, seja num documentário ou numa filmagem caseira, a pessoa à frente dela tem suas atitudes modificadas e as ações se tornam planejadas. É criada uma persona³. Ao mesmo tempo em que isso é colocado em evidência, universalmente é visto como diversas produções cinematográficas retratam a necessidade da câmera, sua filmagem e tipo de suporte (película, digital) sejam eles complementando a narrativa ou pelo modo de dar voz para as pessoas frente a esse dispositivo.

Ultimamente, talvez pelo *boom* tecnológico e a acessibilidade, as câmeras passaram a ser adquiridas por uma boa parcela da juventude. Sejam câmeras de telefones celulares, *webcams* ou semi-profissionais. Com isso, em alguns casos o equipamento acaba por se tornar um suporte fortíssimo de expressão dos jovens. É como uma válvula de escape, um diário eletrônico em pleno século XXI.

Provando isso e retratando esse novo estilo de documentação diversas produções no cinema já exploraram tal fato, que é notado de forma

1 - reenaato@gmail.com

2 - Eu sou uma pessoa aterrorizada, inconstante / Lutando, chorando, chutando, amaldiçoando / O que eu devo fazer? - Better Version of Me, música e composição de Fiona Apple. (T.N.)

3 - Persona é um conceito levantado por Carl Jung na Psicologia Analítica e que coloca em como são criadas máscaras quando as pessoas interagem na sociedade em determinados grupos, como um modo de se encaixarem. <http://www.rubedo.psc.br/dicjung/verbetes/persona.htm>

fundamental e interessante de se analisar em três produções dos últimos anos e que se interligam de diversas formas: o documentário *Tarnation* (Jonathan Caouette, 2003) e as ficções, *Eu Matei Minha Mãe* (J'ai tué ma mère, Xavier Dolan, 2009) e *Os Famosos e os Duendes da Morte* (Esmir Filho, 2009). Cada qual possuindo um tipo particular de suporte e abordagem para seu estilo e temática.

Tarnation é um documentário performático de tom experimental que em alguns momentos flerta com a videoarte. Realizado e, digamos, “estrelado” pelo também diretor Jonathan Caouette, ele se utiliza de filmagens caseiras e até mesmo registros telefônicos de secretária eletrônica e fotografias, que foram capturados durante sua infância e adolescência. Um grande acervo construído ao longo dos anos de sua vida conturbada ao lado de uma mãe mentalmente instável e momentaneamente ausente, que é editado e produzido na pós-produção. Caouette, tendo uma trajetória chocante que se inicia aos dois anos de idade, quando presenciou a mãe sendo estuprada em um beco em Nova Iorque, passou por orfanatos e uma família, sofrendo violência física em ambos ambientes, depois finalmente retornando a casa dos avós maternos. Caouette não conheceu seu pai. A problemática trajetória do diretor é acompanhada no documentário e passa por relatos (através de entretítulos) que pontuam fatos importantes que refletiriam na instabilidade do próprio, como ter consumido substâncias químicas que deixaram marcas em seu sistema nervoso. Outro ponto é também a descoberta sexual de Caouette, como homossexual e também sua interação e integração com um grupo *punk-clubber* que o iniciou no cinema *underground*.

Produzido com 268 dólares, conforme o diretor divulgou, *Tarnation* só expandiu seu orçamento, chegando a casa dos US\$ 2 milhões, devido a necessidade de pagar direitos autorais pelas músicas utilizadas na trilha sonora e na sua divulgação em festivais e mostras ao redor do mundo. Tudo custeado pelos produtores executivos: John Cameron Mitchell (*Hedwig and the Angry Inch* e *Shortbus*) e Gus Van Sant (*Mala Noche* e *Garotos de Programa*), diretores que, inclusive, mantém certo diálogo com a obra de Caouette quanto a retratarem jovens, descobertas sexuais e a necessidade de comunicação, seja no meio familiar como na sociedade. Inegável que a construção de *Tarnation* se dá pela abertura, necessidade de expressão e identidade que Caouette precisava. Ele se dirige sempre a um público imaginário em seus vídeos. Seja quando filma sua família ou quando encena

textos dramáticos inimagináveis para uma criança, improvisados pelo próprio.

Quanto a *Eu Matei Minha Mãe*, debut semi-autobiográfico do cineasta canadense e prodígio Xavier Dolan, a maneira em que se volta para a câmera é como um confessor. Momento em que o jovem protagonista do filme (que é o próprio diretor, roteirista e produtor, Dolan) se coloca frente a sua câmera miniDV no banheiro de sua casa com o objetivo de desabafar sobre o que lhe incomoda em sua mãe.

Contando a história de Hubert, um jovem que se vê irritado com os maneirismos e cinismo de sua mãe, Chantale, digna de um filme do espanhol Pedro Almodóvar devido ao seu quê de *kitsch* e exagerado. Ao mesmo tempo que Hubert se vê absorto numa relação de amor e ódio pela mãe manipuladora, o jovem descobre sua sexualidade e veia artística. A reviravolta se dá quando uma professora (que se tornará uma espécie de guia para o garoto) pede como trabalho escolar, conhecer melhor a profissão de sua mãe. Hubert alega que infelizmente não poderá realizar o trabalho, pois sua mãe havia morrido (citação de *Os Incompreendidos*, de François Truffaut). Uma grande mentira, claro. Tanto que Chantale descobre, vai à escola do menino e é quando a guerra entre mãe e filho inicia.

As filmagens de Hubert, nas quais ele se situa no banheiro de sua casa e externa para uma câmera e público desconhecido, são espalhadas pelo filme, como *inserts*. São pensamentos que poderiam estar muito bem colocados em um diário. O enfoque e a problemática estão centrados inteiramente na mãe e sua relação com ela. É de alguma forma, muito similar nesse ponto à *Tarnation*, que destaca também a figura materna.

Já em *Os Famosos e os Duendes da Morte*, os vídeos realizados dentro do filme não têm como objetivo serem desabafos relacionados às mães. Mas não deixam de conversar com *Tarnation* e com uma nova geração de jovens. No filme, vivendo em uma cidadezinha da serra gaúcha, um menino conhecido pelo público por seu codinome na internet como Mr. Tambourine Man (referência à música de Bob Dylan) sonha em sair de sua cidade. Como não consegue, se utiliza da internet e da criação de textos (via blog) e vídeos, como forma de expressar seu descontentamento com o mundo e vida, junto a dois

amigos (um outro jovem e uma garota). Porém na cidadezinha, há um grande número de casos de suicídios, sendo que a jovem acaba cometendo tal ato, deixando marcas na vida dos dois rapazes, que se reencontram.

DOCUMENTANDO A JUVENTUDE

É fato óbvio que *Eu Matei Minha Mãe* é uma ficção. Mas pode se dizer que dentro daquela história, aquela espécie de diário/desabafo filmado no banheiro por Hubert é uma forma expressiva e documental. É quase uma auto-entrevista, um relato e documento importantes do confronto psicológico que se dá entre mãe e filho. Já os vídeos explorados em *Os Famosos e os Duendes* são contemplativos, poéticos e parecem buscar uma proximidade com obras audiovisuais de galerias de arte, uma escolha estética que parece primar por uma voz poética no vídeo, uma procura pelo belo envolto com uma melancolia digna de jovens que se encontram deslocados.

Um pouco diferente e já melhor classificável, adentrando o terreno dos documentários, até mesmo por ser um propriamente, *Tarnation* é o que Bill Nichols poderia classificar, em primeiro momento, de performático.

“Um tom autobiográfico compõe esses filmes, que têm semelhança com a forma de diário do modo participativo.” (NICHOLS. 2005. p. 70)

Essa forma de diário que Nichols coloca e que se assemelha a outra categoria pontuada pelo próprio, a do modo participativo, é visível em alguns aspectos diversos no filme de Caouette, como a vivência dele estando ali na tela. Porém, em momento algum, ainda mais tão jovem como era quando filmava, o diretor tinha em mente utilizá-las, tendo assim um objetivo de estudar sua família e as relações do ambiente. Apesar de isso tomar forma com a sua edição anos depois.

Mas é possível associá-lo em alguns momentos a ambas as categorias, nem que superficialmente. *Tarnation*, é claro, entra em um possível estudo da representação do “eu” no documentário. Essa análise da auto-representação já foi levantada pelo sociólogo Erving Goffman e resulta em inúmeros estudos inspirados em seu trabalho, que já

evidenciaram em filmes como *Pacific* (Marcelo Pedroso, 2009) e *O Prisioneiro da Grade de Ferro: Auto-retratos* (Paulo Sacramento, 2003) nos quais são entregues câmeras a passageiros de um cruzeiro (no filme de Pedroso) e a prisioneiros (no de Sacramento), e fica a cargo do diretor interligar as histórias e criar o filme, a partir da visão de cada um, na sala de edição.

É válido lembrar também de toda a questão levantada por Jean-Claude Bernardet em seu blog no ano de 2008 a respeito dos documentários: *Santiago* (, *Jogo De Cena* e *Filmefobia*. O teórico nos propõe uma forma de denominar produções que flertam com o ambas as abordagens (ficção e documentário), chamando elas de autoficções.

Quanto ao tom videoartístico explorado em *Tarnation*, Phillippe Dubois disserta a respeito da mixagem de imagens e montagem de planos que são um dos atrativos que Caouette utiliza em seu filme. Através da sobreposições de imagens, transparência e estratificação, em uma espécie de representação, como Dubois coloca, caleidoscópica. Esses efeitos associados ao som, dão a *Tarnation* a expressividade e o objetivo de aproximar o espectador da instabilidade mental de mãe e filho que protagonizam do documentário.

MÃES DOCUMENTADAS

Falar de jovens é também falar de sua família e seu ambiente. Nos filmes analisados é presente a figura familiar centralizada pela maternidade, e em todos, os pais são ausentes. Em *Tarnation*, o pai do diretor é desconhecido, devido a instabilidade mental de sua mãe que acabou tendo relações com diversos homens em uma mesma época e não mantendo contato com os mesmos. Já em *Eu Matei Minha Mãe*, a figura do pai é pouco lembrada, já que os pais de Hubert são separados. Porém, o pai marca presença, se mostrando desinteressado pela vida do jovem quando surgem os problemas relacionados ao filho. Finalmente em *Os Famosos e os Duendes da Morte*, o pai do personagem principal faleceu e ele vive sozinho com a mãe e um cachorro.

Com a ausência de figura masculina, é aberto um espaço grandioso para as mulheres e então, mães figurarem nos três filmes. É fortíssimo

os laços, por mais dificultoso que sejam construídos, entre as mães e seus filhos.

No filme de Dolan existe a repulsa do filho para com a mãe que beira ao *kitsch* e é meticulosa e intrometida. No de Caouette, a mãe pode ser representada por duas figuras: a própria (e ausente fisicamente em diversos momentos, por estar internada em manicômios) e pela avó (que como diz o ditado popular: é mãe duas vezes). A de Esmir Filho é presente e até mantém um bom relacionamento com o filho, porém não é documentada como nos dois demais filmes. Nos vídeos em que o personagem de *Os Famosos e os Duendes* realiza, não há ligação direta com a maternidade. Diferente de *Tarnation* e *Eu Matei Minha Mãe* que documentam a própria mãe ou a lembrança, relatos sobre a própria. No primeiro, a mãe aparece seguidamente e no segundo não é sobre a ótica da câmera, mas sendo citada e relatada pelo filho.

A EXPRESSÃO SEXUAL

Falar de um cinema que envolve juventude é quase de praxe tomar como tema o florescer de uma sexualidade ou a busca pela mesma. Nos três filmes é visto como um detalhe, jamais o centro. Em *Tarnation*, Caouette vai dando indícios de uma sensibilidade gay desde muito pequeno e se intensifica na juventude integrando grupos de teatro e começando a namorar um colega de escola. Sua integração e expressão acaba se dando ao conhecer um grupo underground que frequentava um clube noturno, no qual Caouette ia, mesmo sendo menor de idade, travestindo-se de lésbica.

Em *Eu Matei Minha Mãe*, o personagem de Dolan, Hubert, não havia revelado para sua mãe o seu relacionamento com um colega de classe, porém ela acaba por descobrir pela mãe do namorado do filho em uma ida ao cabelereiro. Com *Os Famosos e os Duendes da Morte*, existe um amor quase byroniano, amor por alguém que já se foi, de Mr. Tambourine Man pela falecida garota. A sexualidade é expressa, através de vídeos que evidenciam o corpo de forma sensual e contemplativa. Porém, existe também um triângulo amoroso com a presença do outro garoto e que em seus momentos finais deixa em dúvida, ou melhor aberta, se o personagem principal se encaixaria em alguma “categoria” quanto a sua sexualidade.

Apesar de analisarmos somente uma produção documental (*Tarnation*) é visível, nas ficções apresentadas, o hibridismo presente muitas vezes entre a ficção e o documentário, tido como verdade plena em alguns momentos. *Eu Matei Minha Mãe* e *Os Famosos e os Duendes da Morte*, emulam um tom documental empregando outro sentido a história, um tom mais próximo dos conflitos dos jovens em forma de registro, desabafo. Quanto a *Tarnation*, quem não garantiria que as pessoas frente às câmeras de Caouette, seus familiares e o próprio, estariam de alguma forma atuando como foi dito por Nichols no início deste texto?

De qualquer forma, é notável a troca dos jovens do registro escrito pelo registro eletrônico. A busca incansável pela expressão sexual - liberdade para tal - e a criação de sua própria identidade através desses novos meios.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERNARDET, Jean-Claude. **Autoficção, Autoficção / Histrionismo e o Sujeito**. Disponível em: < http://jcbernardet.blog.uol.com.br/arch2008-12-21_2008-12-27.html>, < http://jcbernardet.blog.uol.com.br/arch2008-02-24_2008-03-01.html>. Acesso em: 23 jun. 2012.

PLAUT, Alfred; SAMUELS, Andrew; SHORTER, Bani. **A Critical Dictionary of Jungian Analysis**. Disponível em: < <http://www.rubedo.psc.br/dicjung> >, Acesso em: 22 de jun. 2012.

DUBOIS, Philippe. **Cinema, Vídeo, Godard**. (trad. Matheus Araújo Silva) São Paulo: Cosac Naif, 2004

NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário**. Campinas: Papyrus Editora, 2005

REFERÊNCIAS AUDIOVISUAIS

Tarnation. John Caouette, 2003, 35mm.

Eu matei minha mãe (J'ai tué ma mère). Xavier Dolan. Canadá, 2009, 35mm.

Os famosos e os duendes da morte. Esmir Filho. Brasil, 2009, 35mm.

Pacific. Marcelo Pedroso. Brasil, 2009, digital.

O prisioneiro da grade de ferro. Paulo Sacramento. Brasil, 2003, 35mm.